

## **Texto Resumo sobre os conceitos de Exploração Vocacional e Abordagem desenvolvimental da orientação profissional<sup>1</sup>**

**Marucia Patta Bardagi**

Este texto sintetiza alguns pontos principais da abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento vocacional (também conhecida como abordagem desenvolvimental de carreira), sistematizada pelo psicólogo americano Donal Super, que é uma das mais influentes e duradouras no âmbito da psicologia vocacional e de carreira. As teorias desenvolvimentais, entre as quais se destaca a perspectiva cognitivo-evolutiva de Super, afirmam que as decisões vocacionais começam na infância e perduram até a idade adulta, enfatizando o aspecto sequencial do comportamento vocacional e surgiram a partir da segunda metade do Séc. XX, tendo gerado grande volume de pesquisas e intervenções. Além disso, implica necessariamente alterações no desenvolvimento de carreira a partir do contexto de vida. O modelo cognitivo-evolutivo, que vê o desenvolvimento vocacional como um aspecto do desenvolvimento global do indivíduo, contempla duas premissas importantes para o trabalho do orientador profissional: há uma discussão central sobre as *condições* da pessoa que escolhe e uma compreensão dos determinantes da escolha como múltiplos, mesmo que a decisão seja individual. Importante também é o caráter pragmático da abordagem desenvolvimental. Super não tinha um objetivo fundamentalmente explicativo, mas sim de definir os princípios para intervenções de orientação e aconselhamento de carreira eficazes.

O autor construiu sua teoria enfatizando a relação entre o autoconceito e a escolha da carreira, mostrando como o indivíduo tende a escolher carreiras que confirmem a percepção que ele tem da própria identidade pessoal (conjunto de interesses, habilidades e características de personalidade). Super foi um dos principais teóricos a se preocupar com a *trajetória* do comportamento vocacional. Dentro deste modelo, a escolha profissional (e a própria formação da identidade profissional) não é um comportamento focal, mas o resultado de um processo de desenvolvimento vocacional que ocorre ao longo da vida. Decisões, mudanças e dúvidas vocacionais não aparecem somente na adolescência e é cada vez maior o número de pessoas colocadas em vários pontos do desenvolvimento vocacional que buscam auxílio ou simplesmente desafiam os técnicos da Orientação Profissional a elaborarem novos modelos explicativos e métodos de ação. A teoria de Super é resultado direto de suas

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir da síntese do capítulo “A Abordagem Cognitivo- Evolutiva do Desenvolvimento Vocacional”, escrito pela mesma autora e publicado no livro “*Orientação Vocacional Ocupacional*”, das organizadoras Rosane Schotgues Levenfus e Dulce Helena Penna Soares, editado pela Artmed em 2009 (p.95-105).

observações, especificamente de um estudo longitudinal iniciado em 1951 que acompanhou indivíduos desde o nono ano da escolarização americana (14-15 anos) por 25 anos na sua trajetória de carreira. Inicialmente, as concepções de Super, centravam-se na passagem gradual e sistemática que os indivíduos faziam por estágios razoavelmente estáveis do desenvolvimento vocacional, denominados Crescimento, Exploração, Estabelecimento, Manutenção e Desengajamento **(como vocês podem ver na videoaula 1 deste tópico)**. Estes estágios, seria necessário desenvolver habilidades específicas e efetivar o cumprimento de tarefas evolutivas que de forma complementar dão origem à continuidade da carreira e construiriam uma trajetória de aprendizado que capacitaria o indivíduo a realizar escolhas profissionais; estas tarefas podem ser típicas de determinados períodos etários, ou sem qualquer relação com a idade ou seqüências de desenvolvimento.

O desenvolvimento de carreira é definido como o processo de crescimento e aprendizagem que resulta em um aperfeiçoamento e na modificação gradual de comportamento vocacional dos indivíduos. O estágio de Crescimento, coincide com o período da infância e pré-adolescência, em que as escolhas são assistemáticas, fantasiosas e buscam o despertar de interesses e habilidades. O indivíduo descobre as primeiras capacidades e constrói o autoconceito através da identificação com figuras significativas da família (pais, avós, irmãos) e escola (professores, colegas). Neste estágio, as tarefas de desenvolvimento são começar a se preocupar com o futuro, aumentar progressivamente o nível de autonomia comportamental, convencer a si mesmo da importância das realizações escolares e de trabalho e adquirir as primeiras habilidades e atitudes de trabalho. Ao longo da adolescência e início da adultez jovem, os indivíduos encontram-se no estágio de Exploração, em que as preferências vocacionais são organizadas em torno da experimentação, teste de hipóteses e desempenho de papéis, delineando um processo de tradução do autoconceito em termos vocacionais. É um período de transição, em que a auto-análise das próprias características e habilidades é constante e o autoconceito não é tão estável. As tarefas de desenvolvimento são realizar uma ampla exploração das ocupações, a tradução do autoconceito em escolhas ocupacionais/educacionais, a troca progressiva de uma escolha generalizada por uma escolha mais específica e a conversão desta preferência (verbal, indicando inclinação, adesão) numa realidade concreta, através da educação especializada e do ingresso no mundo ocupacional.

No decorrer da adultez jovem, inicia-se o estágio de Estabelecimento, no qual se faz uma implementação da escolha, isto é, a conversão das preferências especificadas em uma realidade ocupacional, através do comprometimento com o mundo do trabalho. Há uma estabilidade do autoconceito em termos vocacionais e uma concentração de esforços para permanecer e crescer na área escolhida. O sujeito neste estágio deve poder assimilar uma cultura profissional e organizacional e desempenhar suas tarefas adequadamente, encontrar um lugar satisfatório, consolidar a posição atingida e ampliar os ganhos alcançados, estabelecendo um padrão de carreira. Seguem-se, ainda, os Estágios de Manutenção e Desengajamento. No estágio de Manutenção, que representaria a realização de tarefas da maturidade, com suas características de continuidade dos planos estabelecidos, onde há comportamentos de conservação do que

foi alcançado e, mais recentemente, a capacidade de se manter atualizado e capaz de inovar, estabelecendo para si novos desafios. Na etapa de Desengajamento, ligada à adultez madura, o indivíduo

planeja sua retirada do mundo do trabalho, com o gradual enfraquecimento e posterior afastamento das atividades profissionais, criando um novo modo de vida fora do trabalho.

No entanto, a partir das reformulações feitas pelo autor, as dimensões contextuais e características individuais fazem com que esse percurso não seja linear (acompanhando a idade cronológica) ou ocorra com todos os indivíduos da mesma forma.

O momento em que se dão as transições de um estágio a outro do desenvolvimento vocacional podem variar muito de pessoa para pessoa. A carreira passou a ser vista mais como uma sequência alternada de mudanças e períodos de estabilidade.

O comportamento exploratório é um componente destacado do desenvolvimento vocacional (**que você também já ouviu no podcast 1 deste tópico**). Nas concepções desenvolvimentais, o comportamento exploratório desempenha um papel fundamental – permite a reunião de informações essenciais à formação do autoconceito (geral e vocacional) e organiza a experiência, forjando uma maior maturidade de carreira. Super (1963) incorporou o conceito de exploração à abordagem evolutiva do desenvolvimento vocacional, inclusive nomeando uma etapa do desenvolvimento como etapa exploratória. O autor defendia que a exploração é um comportamento que acompanha todas as etapas do desenvolvimento vocacional, mas que é mais característico da fase da adolescência, tendo em vista a natureza das tarefas evolutivas a que o indivíduo está sujeito. A atividade exploratória teria por objetivo desenvolver preferências antes da efetivação de uma escolha profissional e da entrada no mundo do trabalho, sendo voltada tanto para o interior (*self exploration*) quanto para o exterior (*environmental exploration*) do indivíduo. Para a realização da atividade exploratória seriam necessárias habilidades e atitudes cognitivas como busca de novidades e mudança, observação, curiosidade, iniciativa por ensaio e erro, identificações sucessivas e múltiplas, produção de hipóteses, gosto pelo risco e desejo de autonomia. Ao analisarmos as dimensões interna e externa do comportamento exploratório, observa-se uma correlação positiva entre elas, ou seja, uma vez que a exploração do ambiente ocupacional leva à necessidade de análise dos próprios valores e interesses e, de outro lado, a auto-análise das habilidades, necessidades e valores leva a uma busca por experiências e oportunidades que venham ao encontro destas características. Nesse sentido, a exploração é aquele comportamento sistemático e intencional, mas também a informação resultante de eventos inesperados ou não planejados, mas que contribuem para o desenvolvimento de carreira. Uma revisão não extensiva de pesquisas empíricas relativas à exploração vocacional corrobora a importância dada a este construto pelos teóricos do desenvolvimento vocacional.

É importante saber que as pesquisas brasileiras na área da exploração são unânimes em apontar as deficiências dos adolescentes nesta área. Sabemos que as meninas costumam apresentar maior nível de comportamento exploratório do que os meninos, mas que de forma geral, os jovens confiam muito em um número muito limitado de informações, não costumam diversificar as fontes de informação consultadas e tendem a se comprometer precipitadamente com escolhas pouco

embasadas. Por isso é tão importante colocar em cheque, confrontá-los com a informação profissional que possuem, e apresentar sempre que possível, novas fontes e oportunidades de busca de informações, novos modelos e possibilidades de atuação e propiciar a reflexão sobre os próprios gostos, valores, habilidades e crenças de autoeficácia.

Quando o indivíduo dispõe das habilidades e recursos cognitivos e emocionais para lidar com as tarefas evolutivas do desenvolvimento de carreira de forma consistente e sem desorganização do autoconceito, tomando decisões vocacionais com qualidade, diz-se que ele possui maturidade vocacional. As dimensões da maturidade propostas por Super seriam: a) capacidade de planejamento: depende da autonomia do indivíduo, da adoção de uma perspectiva temporal e da auto-avaliação das condições favoráveis ou desfavoráveis em relação à carreira, estando relacionada também à auto-estima; b) capacidade de exploração: a presença ou não do comportamento exploratório vocacional permite diferenciar entre escolhas racionais e refletidas daquelas impulsivas ou dependentes; c) informação: informação sobre o mundo do trabalho e as opções oferecidas é um pré-requisito para a prontidão (*readiness*) para a tomada de decisão; d) tomada de decisão: habilidade decorrente da avaliação das possibilidades, das conseqüências possíveis destas decisões e da probabilidade destas conseqüências acontecerem; e e) orientação à realidade: consiste em auto-conhecimento, realismo e avaliação situacional. O conjunto destas características compõe a prontidão para a tomada de decisão.

Obviamente, a teoria de Donald Super é mais ampla e incorpora outros conceitos que não estão descritos neste texto. Aqui foram selecionados os aspectos mais relevantes para quem está no contexto escolar e tem contato com adolescentes e pré-adolescentes em fase de exploração e consolidação de preferências e interesses profissionais. Das formulações iniciais sobre os estágios e o conceito de maturidade depreende-se a mudança que o indivíduo precisa fazer para lidar adequadamente com as diferentes demandas sociais que recaem sobre ele em épocas sucessivas, e a necessidade do desenvolvimento de recursos cognitivos e comportamentais para dar conta das decisões de carreira que precisa enfrentar. Formulações posteriores da teoria incorporaram a importância do comportamento exploratório e da formação do autoconceito para a escolha profissional, uma vez que a obtenção de informações variadas e realistas sobre si mesmo e o mundo do trabalho permite uma articulação maior entre as dimensões pessoal e social da escolha e a tradução mais apurada da identidade em termos ocupacionais. Por fim, a descrição do modelo *life span, life space* (que faz parte da teoria desenvolvimental mas não foi trabalhado neste texto) inclui as várias transições entre papéis e contextos por que passa o indivíduo, configurando a trajetória de carreira como um processo individual e mediado tanto pelas questões internas (idade, gênero, maturidade, características biopsicológicas) quanto externas (oportunidades educacionais, contexto familiar, econômico e cultural).

O mais importante aqui, para vocês professores, é salientar a importância do pensar sobre si mesmo (exploração de si), conhecer a realidade do mundo profissional (exploração do ambiente), estimular a curiosidade e a autonomia na busca de informações e oferecer o maior número de possibilidades de experimentação aos alunos,

isso favorece significativamente a tomada de decisão, e pode evitar escolhas precipitadas e descompromissadas com a realidade pessoal e social.